

PARADIGMA INDICIÁRIO E LITERATURA: UMA APROXIMAÇÃO NOS ESCRITOS DE SANDRA JATAHY PESAVENTO

Arianne Mambelli¹

Resumo: Este artigo busca evidenciar a relação entre o posicionamento teórico-metodológico evocado pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento e o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg. Trata-se de uma reflexão acerca dessa relação que pretende destacar os caminhos para o uso da Literatura como fonte histórica e seu caráter ampliador da perspectiva histórica, na medida em que a Literatura emerge como reduto das representações imagéticas de uma época e que, por isso, deve situar-se enquanto fonte privilegiada no estudo de uma Nova História Cultural que pretenda resgatar representações e formas de sensibilidades passadas.

Palavras-chave: Paradigma indiciário; História; Literatura.

INDICATORIAL PARADIGM AND LITERATURE: AN APPROXIMATION IN THE WRITINGS OF SANDRA JATAHY PESAVENTO

Abstract: This article seeks to highlight the relationship between the theoretical and methodological position evoked by the historian Sandra Jatahy Pesavento and the indicative paradigm proposed by Carlo Ginzburg. It is a reflection of this relationship that intends to highlight the paths for the use of Literature as a historical source and its enlarging character of the historical perspective, as Literature emerges as a stronghold of the imaginary representations of an era and, therefore, should be located as a privileged source in the study of a New Cultural History that intends to rescue representations and forms of past sensibilities.

Keyword: Indicative paradigm; History; Literature.

¹ Graduada em História pela Universidade Santo Amaro – UNISA (<http://lattes.cnpq.br/5482889184766101>)

A historiadora gaúcha Sandra Jatahy Pesavento contribuiu de forma singular para a historiografia brasileira, principalmente no que concerne a escrita de uma História Cultural. Suas publicações giram em torno da própria teoria da História, do imaginário, das representações e das identidades urbanas. Para além, a partir de meados dos anos 1990, nota-se que suas publicações buscam destacar o uso da Literatura como fonte histórica e relativizar as fronteiras entre História e Literatura, pois a partir desse momento temos textos como os do livro *Discurso Histórico e Narrativa Literária*, de 1998 e *Fronteiras da ficção: diálogos da História com a Literatura*, de 2000.

Aqui, outrossim, pretende-se evidenciar a relação entre o posicionamento teórico-metodológico evocado pela historiadora Sandra Jatahy Pesavento em alguns textos, onde discute formas de aproximação e afastamento entre História e Literatura, e o paradigma indiciário proposto e estruturado por Carlo Ginzburg, visto que Pesavento usa conceitos e termos oriundos da obra e pensamento de Ginzburg para estruturar suas propostas de uso da Literatura pela História.

Deste modo, cabe elencar os principais aspectos do texto mencionado, começando por destacar que, para Pesavento, a relação entre História e Literatura vem passando por uma mudança de perspectiva originária do pensamento pós-moderno nesse início de século, que impõe novas perguntas e hipóteses para antigos objetos e paradigmas². O texto, portanto, tem como enfoque o imaginário, uma categoria que “tem se revelado profícua neste giro do olhar sobre o mundo e que redimensiona, por sua vez, as relações entre história e

²PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 11.

literatura”³. Nesse sentido, Pesavento sugere que o estudo do imaginário permite resgatar formas de sentir e expressar o real de tempos passados, ou seja, os novos questionamentos que se impõem às fontes e ao próprio passado exigem que outros caminhos sejam traçados na historiografia para atingir aspectos cada vez mais sutis da realidade passada: como o imaginário e as sensibilidades de outros tempos.

Dessa forma, estes *outros caminhos* possíveis partem de dois pontos axiais evocados pela autora. O primeiro é o “pressuposto de que [o real] é construído pelo olhar enquanto significado”, o que significa dizer que o imaginário constrói uma representação social da realidade e a substitui, tornando a realidade aquilo que nós concebemos dela. E o segundo ponto diz respeito ao uso da Literatura pela História. Para Pesavento, alguns estudos do início do século têm sugerido um meio para acesso ao imaginário que culmina no uso da Literatura pela História, conforme comenta a autora:

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela confundir-se. História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não-visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música⁴.

A partir disso, emerge outro aspecto importante do texto *História e Literatura: uma velha-nova história*, de Pesavento: a aproximação e o distanciamento entre essas duas formas narrativas de discurso sobre o mundo, e que já acena para uma primeira aproximação à Ginzburg. Primeiramente, deve-se adotar uma postura mais flexível em relação à

³PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p.12.

⁴PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. pp. 13-14.

dualidades como verdade e ficção, real e não real, quando se pretende avançar pelos domínios de Calíope e Clío, pois há uma aproximação inegável que torna o objetivo final das narrativas histórica e literária muito semelhante, visto que ambas pretendem consolidar uma narrativa capaz de trazer para o presente uma realidade ausente, ora imaginada, que reflete formas de ver, sentir e representar de outros tempos, ora passada, que é alcançada somente pela análise de fontes⁵.

Nesse sentido, a opção pelo gênero ensaístico adotada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg para a construção de seus textos reforça essa aproximação entre História e Literatura no sentido de evidenciar a própria estrutura narrativa da História⁶. Em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg busca uma origem para a narração e a encontra no paradigma venatório das sociedades caçadoras. Nesse sentido, como reforça Márcia Rodrigues:

o autor persegue uma hipótese indemonstrável para o positivismo sobre a origem da narração, que lança luz sobre o sentido inicial da palavra história, ou seja, algo que é narrado, contado e que talvez tenha origem na pré-história do homem e tenha nascido numa sociedade de caçadores, onde, a fim de transmitir por meio de traços infinitesimais um evento que não podiam testemunhar diretamente, nossos antepassados (caçadores) ordenavam os fatos em uma sequência narrativa⁷

Portanto, História e Literatura se aproximam por se constituírem como formas narrativas que dão a ver uma realidade vivida ou não-vivida e que têm o real como referente. Ambas têm um narrador e partem da seleção, ordenação e construção de realidades plausíveis

⁵PESAVENTO, Sandra Jatáhy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. *Revista de História das Ideias*, vol. 21. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000.

⁶RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Dimensões*, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005.

⁷RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Dimensões*, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005, p. 214.

para estruturar uma narrativa coesa que transmita ao leitor a representação de um mundo possível, de um poderia ter sido⁸. Assim, reitera Pesavento em outro texto significativo, intitulado *Fronteiras da Ficção: diálogos da História com a Literatura*:

Que a história é narrativa, bem o sabemos; que o historiador investiga, seleciona e constrói o seu campo, o seu tema e o seu objeto, parece também fora de dúvida. Que o imaginário, esta capacidade de representar o real por um mundo paralelo de imagens, palavras e significados, tem uma força por vezes mais “real” que o próprio “real concreto”, é também uma visão que se difunde. Mas admitir que os historiadores realizam ficção e que não almejam a verdade é ainda considerado por muitos heresia!⁹.

Enquanto há aproximação, há distinção, diferença. E a diferença reside na característica da verossimilhança, na relação com o real e na estrutura metodológica própria da História, que pretende chegar o mais próximo possível de uma verdade do passado sem com ela ter contato. Nesse sentido, Pesavento nos diz que “o historiador não cria personagens nem fatos. No máximo, “descobre-os”, fazendo-os sair da sua invisibilidade”¹⁰. Como sabemos, portanto, o historiador não concebe ficção em sua narrativa, mas não a abandona, pois seus fatos, personagens e datas não são inventados, mas fazem parte de uma realidade alcançada em fontes e ordenada de forma narrativa, ou seja, há uma ficcionalidade controlada, o que converge, por exemplo, para aspectos da estrutura narrativa de *O queijo e os vermes*, de Ginzburg, onde a verdade factual do passado é ordenada a partir

⁸PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho, MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 15.

⁹PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*. *Revista de História das Ideias*, vol. 21. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000, p. 37.

¹⁰PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho, MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 15-16.

de fontes-vestígios que dão à ver, pela estrutura narrativa, o que se passou.

A princípio, os estudos de Ginzburg partem de achados casuais, vestígios, que emergem ao longo da pesquisa e se transformam num mundo a ser descoberto pelo historiador. Esse achado casual configura-se como um sinal, um indício, uma pista que deve ser seguida e desvendada a partir dos detalhes mais singulares e sutis que a envolvem. Este paradigma indiciário se estabelece enquanto possível método nas ciências humanas muito recentemente, e não de forma totalmente teorizada, mas caracteriza-se como um fazer história singular, que permite ao historiador acessar a liberdade da criação, quase literária, da sua narrativa. Nesse sentido, o paradigma indiciário abre espaço para uma cientificidade conjectural na História¹¹.

Sobre esse aspecto Márcia Rodrigues destaca que “o método indiciário fundar-se-ia num rigor flexível, em que as regras não se prestam exclusivamente a serem formalizadas ou ditas”¹² e as provas, que são fontes, se apresentam como vestígios que precisam ser analisados sob o crivo da relação sensibilidade-razão do observador – como paradigma venatório, o observador é o narrador que identifica os sinais, relaciona-os ao meio e organiza as informações a fim de compreender o que se passou. Esse observador-narrador, portanto, porta qualidades sensíveis que tornam a observação uma tarefa reflexiva singular, capaz de apreender a teia do que se passou, do mesmo modo que o narrador na literatura ordena seus fatos imaginados a fim de dar a ver uma possível realidade. Aqui, a sensibilidade do

¹¹GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras. 1989, pp. 143-179.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Dimensões*, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005, pp. 213-221.

¹²RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Dimensões*, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005, p. 217.

observador contribui para o estabelecimento da dialética da relação entre prova e retórica, que constrói a estrutura narrativa na medida em que lida com as possibilidades que convergem para os fatos expostos.¹³

Nesse ponto devemos salientar a questão da ficção na obra de Pesavento. Como foi visto, e como reitera a autora:

Para construir sua representação sobre o passado a partir das fontes ou rastros, o caminho do historiador é montado através de estratégias que se aproximam das dos escritores de ficção, através de escolhas, seleções, organização de tramas, decifração de enredo, uso e escolha de palavras e conceitos¹⁴.

Portanto, História e Literatura compartilham a ficção, mas cada uma a seu modo. A definição de ficção que se utiliza aqui parte de um posicionamento antigo, originado antes do cientificismo do século XIX e que compreende ficção “como uma criação a partir do que existe, como construção que se dá a partir de algo que deixou indícios”¹⁵. Deste modo, a ficção também está na e História, pois esta tem como ponto de partida justamente os indícios deixados por outros tempos, indícios que podem ser percebidos e analisados sob a perspectiva indiciária. Ainda nesse sentido, Pesavento cita o próprio Ginzburg e nos diz o seguinte:

A palavra *fictio*, corrobora Ginzburg, está ligada à *figulus*, oleiro, ou seja, aquele que cria a partir de algo. No caso do historiador, este *algo* que existiu seriam fontes, traços da evidência de um acontecido, espécie de provas para a

¹³RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. *Dimensões*, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005.

¹⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: MG: EDUFU, 2006, pp. 17-18. Nessa passagem é interessante notar os termos escolhidos pela autora para dar a ver sua proposta. *Fontes ou rastros, tramas e decifração de enredo* convergem para a escrita de Ginzburg que, por meio desses e de outros termos, sugere um método indiciário.

¹⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 18.

construção do passado. Na complementação deste entendimento, que afasta ficção da pura fantasia, Carlo Ginzburg cita Isidoro de Sevilha, quando este escreveu dizendo que falso era o não verdadeiro, *fictio* [fictum] era o verossímil¹⁶

Este *criar a partir de algo* ainda aproxima História e Literatura e para diferenciá-las, precisamos considerar esse *algo*. Como já foi dito, a História parte de fontes, evidências do passado que são analisados a fim de conhecer o que se passou, como dizem Ginzburg e Pesavento. A Literatura, por sua vez, parte de um *algo* diferente. Sua realidade é imaginária, suas personagens e fatos não são reais e as relações que se dão a ver na narrativa literária também nunca existiram, são representações de um mundo possível. A criação literária é livre, mas a criação da narrativa histórica não é, pois todo o grau de ficção permitido na escrita da história, toda conjectura, é controlado pelo rigor da busca pela verdade, pela realidade passada, e isso é verossimilhança.

Portanto, é preciso dizer, as duas formas narrativas de expor um real compartilham a finalidade do verossímil e este é o valor que a Literatura insere para a História, quando esta a toma como fonte. Cabe, agora, analisar o ponto central proposto pela autora, que é justamente o uso da Literatura pela História no que diz respeito ao resgate de representações do imaginário.

Indiciarismo e literatura para o resgate das representações de sensibilidades passadas

Muito já foi debatido acerca das representações na História Cultural e é importante considerar algumas concepções antes de verificar como ela aparece na relação entre os autores aqui

¹⁶PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 18.

focalizados. Voigit sinteticamente apresenta que a representação na obra do filósofo Hans-George Gadamer “permite compreender a obra de arte como uma dialética conduzida por um leitor/receptor privilegiado e, ao mesmo tempo, resgata o estatuto de autoridade do historiador, afastando eventuais acusações de sua proximidade com o fazer do poeta/literato”¹⁷.

Michel de Certeau, por sua vez, vê na ação da escrita histórica o estabelecimento da representação, ou seja, a História é representação na medida em que “o historiador, seu lugar social e seus procedimentos de análise ocupam um lugar central na construção do texto”¹⁸.

Roger Chartier também contribui para ampliar o debate em torno do conceito, e como explicita Voigit:

o autor pressupõe, apesar da pluralidade de vozes e do campo de disputas, que a produção de representações se dá a partir da comunidade de sentido dentro de um grupo, classe ou comunidade, retomando a característica essencialmente consensual das representações sociais, independentemente do número de pessoas que componham o grupo tomado como referente¹⁹.

Portanto, o estudo das representações já é estabelecido na História Cultural por esses e outros autores, mas o estudo das sensibilidades ainda parece diminuto, reduzido em quantidade²⁰. Por serem campos prolíferos e transformadores é importante contribuir para ampliar o reconhecimento de fontes para estudo do imaginário, principalmente das sensibilidades passadas, visto que, como elementos

¹⁷ VOIGT, André Fabiano. História e Representação: a abordagem de Jacques Rancière. *Revista de Teoria da História*, v. 12, n. 2, 2014, p. 315.

¹⁸ VOIGT, André Fabiano. História e Representação: a abordagem de Jacques Rancière. *Revista de Teoria da História*, v. 12, n. 2, 2014, p. 318.

¹⁹ VOIGT, André Fabiano. História e Representação: a abordagem de Jacques Rancière. *Revista de Teoria da História*, v. 12, n. 2, 2014, p. 321.

²⁰ GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

não reais – no sentido concreto – é mais difícil para a História reconhecer possíveis fontes para beber do mundo não-tangível, e é importante também expor possíveis caminhos metodológicos de acesso a esse mundo de representações.

Lucian Boia, no texto de Pesavento, explica que “é possível estabelecer estratégias metodológicas de acesso a este mundo imaginário” por meio da “descoberta da literatura pela história”²¹. A Literatura no texto de Sandra J. Pesavento é compreendida como fonte privilegiada de acesso ao imaginário na medida em que sua narrativa comporta uma carga de significação e representação de um mundo possível, verossímil. A Literatura é resultado de sua época e a escrita literária constitui-se como uma representação simbólica da realidade, assim, Pesavento ainda reforça:

Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta. Ou seja, a leitura da literatura pela história não se faz de maneira literal, e o que nela se resgata é a representação do mundo que comporta a forma narrativa²².

Dessa forma, podemos afirmar que a Literatura é uma fonte rica para o estudo das representações e das sensibilidades na medida em que a narrativa literária busca criar e dar a ver cenas do mundo sensível de um tempo passado – compartilhado pelo autor –, reforçando aspectos das experiências individuais e coletivas que são históricas, e por isso se fazem necessárias para compreender o passado histórico. Mas, esse uso da Literatura pela História ainda suscita questionamentos importantes que são levantados pela autora, principalmente no que diz

²¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 13.

²²PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil:(séculos XIX e XX). *Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História*. n. 4. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1995, p. 117.

respeito à tomada do “não acontecido para recuperar o que aconteceu”²³.

Como, portanto, usar a Literatura para recuperar experiências sensíveis ou representações do passado? E ainda, como questiona Pesavento: “como a literatura, relato de um *poderia ter sido*, pode servir de traço, rastro, indício, marca de historicidade, fonte, enfim, para algo que aconteceu!”²⁴. Para sanar tais questões é preciso compreender a Literatura como representação de uma época, como já foi mencionado. A narrativa literária é carregada de historicidade e a verdade que ela comporta se situa justamente na verdade do simbólico, elemento em que o historiador deve debruçar-se. Assim, no texto *História e Literatura, uma velha-nova história*, temos o seguinte parágrafo esclarecedor:

A sintonia fina de uma época fornecendo uma leitura do presente da escrita pode ser encontrada em um Balzac ou em um Machado, sem que nos preocupemos com o fato de Capitu ou do Tio Goriot e de Eugène de Rastignac terem existido ou não. Existiram enquanto possibilidades, como perfis que retraçam sensibilidades. Foram reais na “verdade do simbólico” que expressam não no acontecer da vida. São dotados de realidade, porque encarnam defeitos e virtudes dos humanos, porque nos falam do absurdo da existência, das misérias e das conquistas gratificantes da vida, porque falam das coisas para além da moral e das normas, para além do confessável, por exemplo²⁵.

Dessa forma, o olhar atento do historiador é capaz de identificar na narrativa literária, dentro da ficção, um grau de verdade que reside

²³PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha-nova história*. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 14.

²⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha-nova história*. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. p. 15

²⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha-nova história*. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 20.

no simbólico. Quando o historiador se volta para o texto literário, ele mergulha no imaginário e nas representações, e de lá pode resgatar formas de ver, pensar e sentir de outros tempos e de outros no tempo²⁶. É a condição de historiador que permite essa relação hermenêutica e garante que dela se estabeleçam investigações capazes de contribuir para um conhecimento do mundo mais completo, visto que, o mundo e as experiências individuais e coletivas que se dão não compreendem somente a verdade do intelecto, mas compreendem também a verdade do sensível²⁷.

Neste ponto, portanto, é necessário situar as sensibilidades sob a ótica de Sandra J. Pesavento. Em seu texto *Sensibilidades: leitura e escrita da alma*, de 2007, a historiadora retoma a trajetória do conceito na história e destaca sua herança clássica com Epicuro, Lucrecio, Platão e Aristóteles, que já concebiam a sensibilidade como uma visão do mundo, uma forma de experienciar a realidade, que é possível conceituar e transformar em conhecimento sobre o mundo. Pesavento destaca que:

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e

²⁶PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In.: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006.

²⁷PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. A esse respeito, a autora evoca a contribuição de Carl G. Jung, quando diz que o mundo compreende duas verdades, a do intelecto, pautada pela razão, e a do sensível, pautada pelas emoções e sensações. A autora também reforça a ideia de que a história é movida por ações que partem desses dois universos, o *studium* e o *punctum*, o concreto e o sensível, que ela retoma em Roland Barthes e conclui sua ideia com a síntese roussoniana de que existir é sentir e que a sensibilidade é anterior ao intelecto.

sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro²⁸.

Nesse sentido, a sensibilidade aparece como um objeto para a História, pois a partir dessa concepção as sensibilidades podem ser historicizadas e compreendidas como elemento constituinte da máquina da história ao mesmo tempo em que dela é fruto, já que cada época e sociedade possui uma forma singular de se relacionar com o sensível.

Ainda neste texto, a autora reforça a ideia de que as sensibilidades são atividades reativas anteriores à capacidade reflexiva dos homens e que sua característica é “resultado de uma química especial, que envolve corpo e espírito nesta sua dinâmica interativa com a realidade”²⁹. Esta dinâmica se dá pela ação da percepção. É a percepção que organiza as sensibilidades, que transforma essa reatividade frente aos impulsos da realidade em sensações e sentimentos como o desejo e medo. Assim, Pesavento explica o seguinte:

A percepção, elemento integrante da faculdade cognitiva das sensibilidades, ajusta e dá ordem e coerência às sensações, mas isto não implica que se submeta só às normas da razão. A percepção constrói um mundo qualificado através de valores, emoções, julgamentos. É capaz de produzir o sentimento, que é uma expressão sensível mais durável que a sensação, por ser mais contínua, que perdura mesmo sem a presença objetiva do estímulo. Assim, a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo recordar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento³⁰.

²⁸PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 14.

²⁹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.p. 12.

³⁰PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.p. 12-13.

Para recuperar essa sensibilidade é preciso que o historiador adote uma postura hermenêutica e encontre a tradução externalizada dessa sensibilidade. Nesse sentido, a Literatura é concebida como uma forma de externalização das sensibilidades, pois nela podemos encontrar vestígios da *enargheia*, da força da vida que moveu uma época, grupo ou indivíduo.

Enargheia é um conceito presente nos escritos de Pesavento e que emerge de Carlo Ginzburg³¹. Em *Ekphrasis and quotation*, o historiador busca identificar o possível momento de afastamento entre a história e a narrativa clássica da história – clássica no sentido de buscar validar a narrativa na *enargheia*, na *evidentia* e não na evidência tradicional – e destaca que “*enargheia* significa 'clareza, nitidez, vivacidade'”³² e que na historiografia da Antiguidade Clássica a *enargheia* é considerada como garantia de uma verdade histórica, garantia de um *effét de vérité* na narrativa histórica. A esse respeito, Ginzburg esclarece: “Poderíamos resumir a diferença entre nosso conceito de história e o clássico, observando que, de acordo com o último, a verdade histórica dependia da *evidentia* (tradução de Quintiliano de *enargheia* para o latim); não em evidência³³”.

Ora, é isso o que se busca quando pretende-se desenvolver uma narrativa histórica acerca do mundo sensível. É preciso voltar-se para a *evidentia* e resgatar, talvez na efrase literária, um mundo criado pela percepção, que é mensurado pela sua capacidade mobilizadora do

³¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

³²GINZBURG, Carlo. Ekphrasis and quotation. *Tijdschrift Voor Filosofie*, vol. 50, no. 1, 1988. GINZBURG, Carlo. Ekphrasis and quotation. *Tijdschrift Voor Filosofie*, vol. 50, no. 1, 1988, p. 11. No original: “*enargheia* means 'clarity, distinctness, vividness'”.

³³GINZBURG, Carlo. Ekphrasis and quotation. *Tijdschrift Voor Filosofie*, vol. 50, no. 1, 1988, p. 11. No original: “We could summarize the difference between our concept of history and the classical one, remarking that, according to the latter, historical truth depended on *evidentia* (Quintilianus' translation of *enargheia* into Latin); not on evidence”.

real e que se faz materializado no texto literário. Nesse momento, portanto, é preciso assimilar o paradigma indiciário como caminho possível para o resgate dessas sensibilidades por meio das obras literárias.

Carlo Ginzburg, em *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, expõe um caminho investigativo de análise histórica que consiste na decifração dos sinais, dos vestígios do passado mais singulares, que podem contribuir para a compreensão de uma época, evento, sociedade etc. Esse caminho, segundo o autor, é um paradigma indiciário que alcança as Ciências Humanas por volta do século XIX em áreas distintas da História. Emerge, primeiramente, com o “Método Morelliano”, que consiste na análise detalhista – indiciária – de pinturas; depois, aparece na literatura de Arthur Conan Doyle com a sua personagem Sherlock Holmes, um famoso detetive que, com habilidades singulares, descobre pistas e decifra crimes “baseado em indícios imperceptíveis”³⁴; e por fim, o paradigma indiciário aparece com Freud. Em Morelli, as pistas são signos pictóricos, em Conan Doyle são indícios e em Freud são sintomas. Essa tripla analogia é explicada pelo autor, que esclarece:

Freud era um médico; Morelli formou-se em medicina; Conan Doyle havia sido médico antes de dedicar-se à literatura. Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos dos leigos³⁵.

Para completar essa fala, Ginzburg acrescenta que o paradigma indiciário se baseia justamente na semiótica médica, que por meio da observação atenta, pretende identificar os sinais indicadores do fato,

³⁴GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras. 1989. p. 145.

³⁵GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras. 1989. p. 150-151.

mas que tem origens que remontam ao mundo dos homens caçadores que há milênios desenvolveram narrativas a partir de indícios e sinais encontrados após os eventos compreendidos, assim:

Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas³⁶.

O fragmento acima permite perceber a importância do olhar clínico, olhar atento, do observador, que com sua bagagem de conhecimento consegue ver para além do que se mostra. Esse olhar atento é o olhar hermenêutico e possivelmente semiótico do historiador quando se volta à sua fonte, em especial à literatura. Nessa relação, é preciso notar os sinais mais sutis que a obra contém e trazê-los à ribalta para enquadrá-los no devido contexto.

O historiador precisa decifrar as evidências do passado expressas no texto literário e identificar na ação do narrador aqueles sinais que representam o imaginário e que evocam o sentir e a sensibilidade individual ou coletiva do passado que deve ser historicizado. Como Pesavento expõe:

O que nos interessa, como explicamos anteriormente, é discutir o diálogo da história com a literatura, como um caminho que se percorre nas trilhas do imaginário, campo de pesquisa que passou a desenvolver-se significativamente no Brasil a partir de 1990 e que tem hoje se revelado uma das temáticas mais promissoras em termos de pesquisas e trabalhos publicados³⁷.

³⁶GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 151.

³⁷PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, p. 14.

Dessa forma, é possível afirmar que a Literatura é uma fonte consolidada para a História e que nela podemos encontrar evidências do passado, vestígios, pistas que nos levam ao universo das sensibilidades, que está externalizado nas representações narradas pelo texto literário. Podemos afirmar também que o paradigma indiciário é um provável método de análise histórica que contribui para esse resgate do sensível na literatura, na medida em que o método reside na minúcia, no detalhe insignificante, no encontro da realidade por meio dos seus infinitesimais sinais, únicos capazes de se fazer ver no presente uma realidade ausente e sentida, narrada.

Ainda, conclui-se que variados textos de Sandra J. Pesavento dialogam com o posicionamento historiográfico de Carlo Ginzburg, pois é notável a presença de conceitos característicos do autor em análises e propostas de Pesavento, que articula com seu vasto conhecimento todo um conjunto de ideias que convergem para um caminho metodológico inovador na História Cultural e que, ao que tudo indica, é bravamente defendido por Pesavento, que demonstra ver no indiciário uma abertura às possibilidades no que concerne a fontes e a objetos para a História.

REFERÊNCIAS

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. pp. 143-179.
- GINZBURG, Carlo. Ekphrasis and quotation. *Tijdschrift Voor Filosofie*, vol. 50, no. 1, 1988, pp. 3-19.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. pp. 7-8.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique [orgs.]. Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. v. 1. pp. 9-22.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura. Revista de História das Ideias, vol. 21. Coimbra: Faculdade de Letras, 2000, pp. 32-57.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil:(séculos XIX e XX). Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História.n. 4, Porto Alegre: UFRGS, 1995, pp. 115-127.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: DA COSTA, Cléria Botelho, MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). História e Literatura: identidades e fronteiras. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006. pp. 11-28.

RODRIGUES, Márcia B. F. Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário. Dimensões, n. 17, Vitória, ES: UFES, 2005, pp. 213-221.

VOIGT, André Fabiano. História e Representação: a abordagem de Jacques Rancière. Revista de Teoria da História, v. 12, n. 2, p. 308-336, 2014.

Recebido em 06/05/2021 e aprovado em 07/07/2021.